

Uma Escola em Cinco Fases: o que as memórias revelam sobre a instituição educativa severiano cardoso?

*Luzianne dos Santos**

*Raylane Andreza Dias Navarro Barreto***

Resumo

Por meio dos pressupostos da história cultural, o presente artigo teve como objeto de análise a trajetória educacional da Instituição Educativa Severiano Cardoso (IESC) da cidade de Boquim/SE (1924–2016). A fim de percebermos a sua identidade educacional buscamos analisar os documentos e as representações que os alunos/professores, em suas distintas fases, atribuem à instituição. Por meio do esquema lógico proposto por Magalhães (2004) para estudar as instituições educativas e da noção de representações de Chartier (1990) que permitiu decodificar a forma como os sujeitos apresentam a instituição, apreendemos suas singularidades e de que forma atendeu as reformas do sistema educacional brasileiro.

Palavras-chave: Instituição educativa. Severiano Cardoso. Trajetória educacional.

* Universidade Tiradentes (UNIT). Aracaju, Sergipe, Brasil. E-mail: luziannesantos@hotmail.com.br. <http://orcid.org/0000-0001-7114-0957>.

** Universidade Tiradentes (UNIT). Aracaju, Sergipe, Brasil. E-mail: raylanenavarro@bol.com.br. <http://orcid.org/0000-0002-5602-8534>.

A school in five phases: What do memories reveal about the Severiano Cardoso educational institution?

Abstract

Through cultural history assumption, the present article had as analysis object the educational trajectory of the Educative Institution Severiano Cardoso (IESC) in the city of Boquim/SE (1924 - 2016). In order to perceive its educational identity we search to analyze documents and the representations that the pupils/professors, in its distinct phases attribute to the institution. Through the logical schema proposed by Magellan (2004) to study the educational institutions and the conception of representations of Chartier (1990), which allowed to decode how the subjects present the institution, we impounded the mentioned institutions singularities and the way that they attended the Brazilian educational system reforms.

Keywords: Educational institution. Severiano Cardoso. Educational trajectory.

Una escuela en cinco fases: lo que las memorias revelan sobre la institución educativa ‘Severiano Cardoso?’

Resumen

Por el presupuesto de la historia cultural, el presente artículo tuvo como objetivo de análisis la trajetória educacional de la Instituição Educativa Severiano Cardoso (IESC) en la ciudad de Boquim/ SE (1924 - 2016). A fin de conocer su identidad educacional, analizamos los documentos y las representaciones que los alumnos/maestros, en diferentes niveles, le atribuyen a la institución. Por medio del esquema lógico propuesto por Magalhães (2004) para estudiar las instituciones educativas y de la noción de representaciones de Chartier que permitió decodificar la forma como los sujetos presentan a la institución, aprendimos sus particularidades y como atendió a las reformas del sistema educacional brasileño.

Palabras clave: Institución educativa. Severiano Cardoso trayectoria educativa.

Introdução

[...] para compreender o que a escola realizou em seu passado (ou realiza na atualidade), não é suficiente estudar ideias, discursos, programas, papéis sociais nela desempenhados, suas práticas e métodos de trabalho; torna-se necessário também tentar compreender a maneira com que os professores e alunos reconstruíram sua experiência, como construíram relações, estratégias, significações por meio das quais construíram a si próprios como sujeitos históricos (Maria Cecília Cortez Christiano de Souza, 2004 p. 52).

O que pretendemos com este artigo é colocar em pauta o estudo de instituições educativas através de um referencial teórico-metodológico que mais do que preocupar-se com o seu histórico, ressalta a importância das identidades educacionais. Para tratar do proposto elegemos como objeto de estudo a trajetória histórica e educacional da Instituição Educativa Severiano Cardoso (IESC) que fora criada na cidade de Boquim, estado de Sergipe-Brasil, em 1924 e que permanece em funcionamento até os dias de hoje. Com tal propósito nos dedicamos ao estudo da referida instituição, destacando, por meio das fontes escritas e orais, o que o seu historial e as memórias de ex-alunos/professores revelam em suas distintas fases.

Para tanto recorreremos às memórias¹ representadas nas narrativas de 14 ex-alunos/professores² que estudaram e ensinaram na IESC em períodos distintos, bem como a legislações, ao regimento escolar, a resoluções, a discursos oficiais presentes nas mensagens de governadores e aos relatórios de diretores e inspetores do departamento de educação do estado de Sergipe, responsáveis por regulamentar escolas criadas no mesmo período e que podiam contribuir com o desvelamento da sua história. Isto porque como revelou a epígrafe deste artigo, a soma desses elementos são reveladores do que uma instituição educativa representa em termos históricos.

A partir do conjunto de fontes interpretamos imagens e sentidos que os alunos e professores conferiram à instituição, pois “[...] a memória estimula a busca historiográfica, seja no plano da hermenêutica, seja no plano da compreensão e da representação da realidade” (MAGALHÃES, 2005, p. 156). Isso porque ao atentar para tais aspectos fomos direcionadas ao lugar em que o sujeito esteve inserido e à maneira como ele apreendeu a realidade e consequentemente à forma como a expôs. Diante disso no presente artigo buscamos analisar as representações que os alunos/professores entrevistados atribuem à instituição educativa, associando-as outras tipologias de fontes.

1 Quatro das narrativas de história de vida utilizadas como fonte neste trabalho derivam do projeto de pesquisa “Memória Oral da Educação Sergipana” coordenado pela professora Dra. Raylane Andreza Dias Navarro Barreto. Tal projeto objetivou compreender como se construíram os modos de educar em todo território sergipano. Projeto financiado pelo CNPq, Edital MCTI/CNPq/MEC/CAPEL. N 18/2012. n. do processo 405366/2012-4. Bolsas de Iniciação científica CNPq e PROBIC/UNIT. As entrevistas realizadas nos anos de 2016 e 2017 foram realizadas em função da pesquisa específica sobre a IESC.

2 Há que se ressaltar que a escolha e o número dos entrevistados têm relação direta com a disponibilidade em conceder a entrevista, ao fato de representarem de alguma forma uma ou mais fases da instituição e pelo critério de saturação. Segundo Daniel Bertaux (1980) chega-se ao ponto de saturação quando, a partir de uma gama significativa de entrevistados as informações são obtidas de maneira mais fiel possível. As entrevistas foram gravadas em vídeo e os entrevistados assinaram o Termo de consentimento livre e esclarecido.



Por meio das fontes escritas foi possível identificar as fases pelas quais a instituição passou, bem como a correspondência legal de cada uma delas e, sobretudo, como é que essa história foi sendo delineada factual, cronológica e representativamente. A ideia não foi fazer uma apologia à instituição, ou elencar os melhores depoimentos de personagens que lá passaram e fazer com que a instituição fosse considerada e/ou entendida como uma boa instituição. O que buscamos foi perceber a história de uma instituição educativa de 92 anos que passou por cinco fases: Escolas Reunidas; Grupo Escolar; Escola de 1º grau; Escola de 1º e 2º graus e Colégio Estadual, que é a fase atual. Ressaltamos, outrossim, que a instituição educativa analisada tem uma história similar a outras congêneres no Brasil, que de certa forma tem em seus atores, em seus agentes, em seus alunos, uma fonte para a sua escrita e em sua trajetória elementos que as legitimam enquanto lugar de memória.

A IESC, em sua trajetória histórica e educacional, apresentou aspectos distintos em cada uma das suas fases, pois para além da mudança de nomenclatura ocorreram transformações no que diz respeito ao currículo, aos programas de ensino, bem como ao nível de formação oferecido. De acordo com comunicado enviado ao Diretor da Instrução Pública no ano de 1925, um dos poucos registros referentes ao primeiro ano de funcionamento da instituição na condição de Escolas Reunidas Severiano Cardoso (ERSC), esta mantinha um sistema disciplinar rígido, comum à época, apresentando características de uma pedagogia tradicional. Funcionou sob direção da professora Consuêlo Pinto em uma casa que tinha quatro salas.

De acordo com o exposto nos termos de vista de inspeção escolar dos anos de 1925-1926, as ERSC ofereciam ensino primário do 1º ao 3º ano, ministrados da seguinte forma: uma cadeira para o sexo feminino, outra para o sexo masculino e uma mista. No entanto, quando apelamos para o funcionamento da escola, pudemos perceber que esta divisão não ocorreu a contento nos anos subsequentes, pois o número de alunos aumentou significativamente, dada a demanda da região. Vale ressaltar que tanto a quantidade de alunos, bem como o desempenho dos mesmos aumentava, exigindo a mudança de série, tornando-se necessária uma série a mais a cada ano e uma nova professora para compor o seu quadro docente. Tal lógica e demanda demonstram como as necessidades vão compondo uma instituição educativa e contribuindo para sua “evolução”.

A partir do ano de 1926, conforme os objetivos do Regulamento da Instrução Pública de 1924, previsto pelo Decreto nº 867, de 11 de março de 1924, e o Decreto nº. 25, de 3 de fevereiro de 1931, que traçavam diretrizes para o ensino nos grupos escolares, a IESC ganhou um novo prédio e foi denominada Grupo Escolar Severiano Cardoso (GESC), o qual exerceu uma influência considerável na educação da cidade de Boquim, formando, durante 51 anos (1926-1977), jovens boquinhenses e de outros municípios, a exemplo de Pedrinhas e Riachão do Dantas. Nesse período a instituição passou a ter um prédio próprio e suntuoso se comparado aos prédios de outras escolas existentes na cidade à época. O prédio foi responsável não só por embelezar o município, mas também trouxe uma representação educacional, pois as narrativas dos personagens entrevistados revelaram elementos sobre a suntuosidade do prédio, o nível de ensino ofertado, bem como a forma como isso incidiu sobre os seus respectivos destinos de vida, dotaram a referida



instituição de uma espécie de selo de qualidade, em que estavam consorciados o prédio, a qualidade do ensino e o nível de formação dos professores.

No ano de 1977, acompanhando as mudanças advindas da legislação educacional brasileira, o então GESC foi elevado à categoria de Escola de 1º Grau, recebendo a denominação de Escola de 1º Grau Severiano Cardoso (EPGSC). Na condição de Escola de 1º Grau, a instituição funcionou durante 14 anos (1977-1991) oferecendo o ensino da 1ª a 8ª série. Nesse período foi ampliado o seu espaço e seu número de funcionários para atender às demandas educacional no que diz respeito ao ensino público de 1º grau. Em decorrência do crescente número de alunos que terminavam o 1º grau e não tinham condições para se deslocar para outras cidades do estado para fazer o 2º grau ou cursos profissionalizantes, no entanto, segundo Lima (2013), “[...] a diretora à época, junto com a sua equipe de professores encabeçou um movimento para cobrar, da Secretaria de Estado da Educação, o 2º Grau no “Severiano Cardoso”, o que ocorreu no ano de 1991 quando foi implementado o ensino de 2º grau com habilitação para o magistério.

A instituição funcionou durante nove anos (1991-2000) na condição de Escola de 1º e 2º graus Severiano Cardoso (EPGSC), oferecendo ensino de 1ª a 8ª série do primeiro grau e do 1º ao 4º ano do 2º grau, com habilitação para o magistério. No entanto, no ano 2000, por meio da Resolução Estadual nº 145/2000 em adequação à LDBEN nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996, foi autorizada a mudança de denominação das instituições educativas pertencentes à rede pública estadual, bem como a mudança de nomenclatura da gradação sendo que aquelas que ofereciam ensino de 2º grau passariam a ser denominadas de Colégio Estadual, por isso a escola foi denominada Colégio Estadual Severiano Cardoso (CESC), denominação que permanece até hoje oferecendo o Ensino Fundamental do 1º ao 9º e o Ensino Médio do 1º ao 3º ano.

1. Sobre o estudo das instituições educativas

Entendido a sua trajetória cronológica, que por sua vez foi fruto de demandas e legislações, foi através das fontes escritas e orais que prospectamos o perfil dos alunos ou “produto” formado por aquela instituição, que por sua vez também nos revelou traços da sua identidade, pois ela não é uma instituição confessional, uma instituição militar ou uma instituição feminina cujas próprias filiações já revelam o tipo de formação ali ministrada e que por certo também tem suas singularidades se comparadas a outras congêneres. No entanto, o “Severiano Cardoso” como é nominado pelos boquinenses, assim como outras instituições que seguiram o mesmo direcionamento e acompanharam as reformas escolares e se mantiveram “vivas” até hoje, é uma instituição pública, de pequeno porte e que em muito se assemelha a qualquer outra, dado o seu processo de institucionalização. Entretanto como justifica Magalhães:

O momento instituinte, como processo de institucionalização, torna-se objeto científico a partir de óticas epistêmicas particulares, mas a sua representação simbólica (quantitativa e qualitativa), como a sua hermenêutica, ficam mais esclarecidas com base nas análises e narrativas discursivas sobre a genealogia do processo de formação. A historiografia é condição básica para sua inteligência e tomada de decisões (MAGALHÃES, 2004, p.62).



Assim sendo, nos motivou para este artigo os seguintes questionamentos: o que a identifica? O que a faz diferente das outras? Seria ela igual a qualquer outra do gênero, época e destino? O que as memórias revelam sobre a Instituição Educativa Severiano Cardoso?

Como já ressaltado a IESC foi criada em 1924 e em 1925 continha 215 alunos (96 alunos na sala de 1º ano, 84 na sala do 3º ano), só em 2016 era composta por 895 alunos (330 com alunos de Fundamental maior, 160 de Fundamental menor e 399 no Ensino Médio), tais números e graduações são frutos das legislações e dos normativos, mas também produto das demandas escolares locais. Em termos identitários não se pode entendê-la sem considerar: o seu espaço, a cultura local, as singularidades dos professores e alunos que por ela passaram e/ou permanecem. Da mesma forma que é fruto de decisões diretivas e da cultura de escola que fora ali cunhada, que por sua vez congregou um somatório de experiências que faz o “Severiano Cardoso” ser diferente das instituições da mesma natureza de outros lugares e de outras culturas, pois os elementos que a identificam são: o seu prédio em arquitetura diferente das outras escolas da cidade; os seus professores com formação condizente com as exigências de cada época (o que não ocorria em todas as escolas do Estado); o perfil sociocultural dos alunos ali formados, cujas histórias contemplam a formação ali recebida e a imagem societal de uma instituição tradicional em e para Boquim e para as cidades circunvizinhas.

Neste sentido, historiar a trajetória educacional da instituição que permanece “viva” até os dias atuais corresponde atrelar a história dessa instituição a uma história estadual e nacional e, com isso, perceber a identidade educacional e conseqüentemente a identidade histórica dessa instituição. Assim sendo, entendê-la é também entender o funcionamento do sistema educacional brasileiro e como, dentro dele a instituição funcionou e criou suas identidades educacionais.

2. O que as memórias revelam sobre a Instituição Educativa Severiano Cardoso?

Como já ressaltado, as memórias dos sujeitos (alunos, ex-alunos, professores e gestores da Instituição Educativa Severiano Cardoso) são muito caras para a compreensão da representação educacional da instituição, pois é através delas que os elementos mais singulares são expostos, desde a cultura escolar até as práticas escolares ali desenvolvidas e vivenciadas em cada uma das fases rememoradas. Sendo assim, foi a partir do cruzamento das narrativas de histórias de vida dos sujeitos que compuseram a IESC, com o regimento da instituição e os relatórios de inspeção que analisamos a sua constituição e funcionamento, levando em consideração o prescrito e o vivido, bem como os “[...] elementos que conferem identidade à instituição educacional, ou seja, daquilo que lhe confere um sentido único no cenário social do qual fez ou ainda faz parte, mesmo que ela tenha se transformado no decorrer dos tempos.” (GATTI JÚNIOR, 2002, p. 20).

Vale ressaltar que compor a história das instituições educacionais não se trata apenas de apresentar uma história de base material que evoca o passado por meio da história dos prédios ainda conservados. Como destaca Magalhães

A dialética entre instituição e educação é de natureza historiológica e historiográfica. A história, valendo-se de um jogo de probabilidades de desenvolvimento do presente, se bem que do presente-passado, é essencialmente a construção de relação ou de combinatórias de relações (conjunturais e estruturais). A história das instituições educativas é um campo de investigação em que a instituição e a educação se articulam por ações dos sujeitos (MAGALHÃES, 2004, p.67).

É também a memória que a ressignifica pela continuação de suas bases, contemplando inclusive a história narrada a partir da crítica ao monumento, aos documentos e às próprias memórias. Sobre a importância da base material de uma instituição educativa e como essa deve ser considerada, Werle (2004) ao estudar a “História das instituições escolares” deixa claro que:

A base material é aqui considerada o espaço que contém e, ao mesmo tempo, como é estruturada pela proposta pedagógica e por um conteúdo de ensino, que precisam ser discutidos na escrita da história de uma instituição escolar. Mas a base material que contribui para a construção da representação de escola imponente, importante, ou para a de uma escola empobrecida. Uma alteração na base material, contrapartida, tem repercussões também nas formas de apropriação, interação e negociação que a comunidade escolar – alunos, professores, pais – elabora em relação a instituição escolar. [...] A história da instituição escolar, no que se refere a base material, precisa levar em consideração seus usos, as preocupações com a beleza, segurança funcionalidade, ampliações, reformas, transferências de espaços e de localização dos prédios e sua inserção no panorama local (WERLE, 2004, p. 23).

Ao levar em consideração que a base material da escola contribui para a representação da “escola imponente, importante”, é necessário considerar que para muitos a escola é um lugar onde ocorrem suas primeiras interações coletivas, as suas primeiras frustrações, conquistas, e, dentre vários outros aspectos, compõem a memória do sujeito escolar. Nesse sentido a memória é responsável por “conservar informações”, e para além disso, a memória move a construção de monumentos. Monumento entendido aqui como “tudo aquilo que evoca o passado” (LE GOFF, 1996). O autor acrescenta ainda que um monumento é caracterizado também pelo “poder de perpetuação, voluntária ou involuntária, das sociedades históricas”. O monumento é aquele que a sociedade ratifica e conserva um determinado registro de memória. Sobre o sentido da memória, Le Goff (1996) destaca que a “[...] memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro”. Essa trata-se de um:

[...] Fenômeno individual e psicológico (cf. soma/psiche), a memória liga-se também à vida social (cf. sociedade). Esta varia em função da presença ou da ausência da escrita (cf. oral/escrito) e é objeto da atenção do Estado que, para conservar os traços de qualquer acontecimento do passado (passado/presente), produz diversos tipos de documento/monumento, faz escrever a história (cf. filologia), acumular objetos (cf. coleção/objeto). A apreensão da memória depende deste modo do ambiente social (cf. espaço social) e político (cf. política): trata-se da aquisição de regras de retórica e também da posse de imagens e textos (cf. imaginação social, imagem, texto) que falam do passado, em suma, de um certo modo de apropriação do tempo (cf. ciclo, gerações, tempo/temporalidade. (LE GOFF, 1996, p. 483).



Assim sendo, a memória é entendida aqui como uma construção do passado feita no presente, para servir ao presente. Seja a memória oral ou a memória documental. Le Goff (1996), em sua obra *História e memória* apresenta ainda o significado de documentos, palavra latina “*documentum*, derivado de *docere* ‘ensinar’, que evoluiu para o significado de ‘prova’ e é amplamente usada no vocabulário legislativo”. De acordo com o autor

O documento não é inócuo. É antes de mais nada o resultado de uma montagem consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também, das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio. O documento é uma coisa que fica, que dura, e o testemunho, o ensinamento (para evocar a etimologia) que ele traz devem ser em primeiro lugar analisados, desmistificando lhes o seu significado aparente (LE GOFF, 1990. p. 547-548).

O documento é edificado com o sentido de fundar, instruir, criar, construir um significado e impor uma imagem acerca de formas de organização da instituição no passado (WERLE, 2004, p. 25). Entretanto, os documentos não devem ser utilizados como elementos meramente ilustrativos, como também não devem ser considerados portadores da verdade, pois eles não falam por si mesmos.

Para além da memória escrita, é importante destacar a memória oral que compõe a instituição, pois é através dela que se é possível enxergar o passado a partir de vivências/experiências, ou seja, a partir das representações construídas pelos sujeitos envolvidos, pois cada período de uma instituição constitui um universo de símbolos e significados, que são responsáveis pela representação do tempo histórico. Por isso as memórias e os documentos são capazes de revelar categorias de análise importantes no delineamento das atividades investigativas em relação às instituições educativas. Sobre isso Magalhães (1998) assim explica:

O espaço (local/lugar, edifício, topografia); o tempo (calendário, horário, agenda antropológica), o currículo (uma acepção estreita, que resulta de uma justaposição de categorias analíticas e objetos instituintes da realidade escolar, correspondendo ao conjunto das matérias lecionadas e respectivos métodos, tempos, etc. (esta a acepção adotada no Colóquio sobre Currículo que teve lugar em Granada em 1996), ou uma acepção transversal à cultura e à realidade escolar, visão sintética de influência anglo-saxônica e norte-americana, em que currículo corresponde a racionalidade da prática (desenvolvimento curricular), uma verdadeira política educativa; o modelo pedagógico escolar, a construção de uma racionalidade complexa que articula a lógica estruturante interna com as categorias externas que a informam e constituem – um tempo, um lugar, uma ação; os professores, formas de recrutamento, profissionalização, organização, formação, mobilização, por um lado, suas histórias de vida, itinerários, expectativas, decisões, compensações, representações – espaços de liberdade do professor; manuais escolares, sua construção e apropriação, por outro; públicos, culturas, formas de estimulação e resistências; dimensões, níveis da apropriação, transferências da cultura escolar, escolarização, alfabetização, destinos de vida. (MAGALHÃES, 1998, p. 56)

Neste sentido, levar em consideração as representações construídas sobre instituições educativas, bem como evocar categorias de análises, é relevante no sentido

de entender a forma como os sujeitos, através das narrativas, apresentam a IESC, o que por sua vez leva à compreensão do lugar em que o indivíduo está inserido, bem como a enxergar a realidade que representa. Isso porque “[...] ao se ativar a memória, as lembranças que dela surgem são (re) elaboradas conforme os valores adquiridos ao longo do tempo e moldadas as condições do momento em que são evocadas, sendo assim traduzidas e/ou dadas a ver por meio de materiais ou de narrativas” (SANTOS, 2016, p. 108). Desta forma, a história das instituições educativas é um domínio do conhecimento em renovação e em construção a partir das novas fontes de informação, de uma especificidade teórico-metodológica e de um alargamento do quadro de análise da história da educação, conciliando e integrando os planos macro, meso e micro (MAGALHÃES, 2005, p. 98). Na trajetória educacional de uma instituição educativa ocorre:

[...] um somatório de memórias e de olhares individuais ou grupais, que se contrapõem a um discurso científico. É mediando entre as memórias e o(s) arquivo(s) que o historiador entretece uma hermenêutica e um sentido para o seu trabalho e dessa dialética nasce o sentido para a história das instituições educativas (MAGALHÃES, 2004, p. 55).

O tempo imprime marcas, cujas memórias são capazes de revelar fragmentos da vida institucional, datados tanto na história quanto na própria memória. Considerando o tempo como uma dimensão institucional que se manifesta e se expressa, cujo sentido vai sendo revelado por meio de fragmentos de memória de indivíduos, Werle (2004, p. 113) sinaliza que “[...] percebemos a dimensão de tempo quando identificamos movimento, articulação, processos”. Assim, deve-se considerar a dimensão temporal da instituição como um aspecto importante de análise, uma vez que

O tempo constantemente age sobre a base material e documental da instituição, mas também sobre os espaços institucionais construídos nas subjetividades daqueles que registram, em suas memórias e guardados, histórias da instituição. Entretanto, o objetivo da consideração dos diferentes espaços em que a instituição vive - objetivo e subjetivo -, não é a recuperação exata, exaustiva e minuciosa dos fatos como se fossem coisas captadas em sua essência. Visitar variadas vezes os espaços subjetivos e objetivos da instituição possibilita diversificados e não necessariamente convergentes e completos entendimentos acerca da história institucional. Justamente pelo fato de que o tempo age, cada tempo constrói uma história, suas histórias acerca da escola (WERLE, 2004, p. 113).

Neste sentido, para analisar a constituição e funcionamento da IESC, tal qual Nascimento fez com Jardim de Infância Joana Ramos (JIJR) enveredamos pelo tempo institucional e pelos:

[...] registros que mostrem seus processos organizacionais, os quadros imagéticos e projetivos desenhados pela instituição ao longo do seu funcionamento, suas representações para a comunidade local, as relações que se estabeleceram dentro do espaço conquistado pela escola e o que ficou para aqueles que o frequentaram (NASCIMENTO, 2016, p. 58).



Assim sendo, percebemos a “evolução institucional” a partir das mudanças internas da instituição. No caso específico da IESC, foi possível perceber, no que diz respeito à base material, a ampliação e adaptações do prédio, o aumento do mobiliário escolar, para além das mudanças estruturais com a estrutura curricular, as reformas no regimento escolar, a ampliação e atribuições da equipe diretiva e as respectivas tomadas de decisões no cotidiano escolar, o que, conseqüentemente, influenciou na mudança de comportamento e no processo educativo, bem como na construção das representações sobre a instituição ao longo do tempo. Por isso o entendimento da complexidade educacional, envolvendo os novos contornos gerados na trajetória na trajetória da IE é condição essencial para o entendimento da sua identidade.

Por certo quando pensamos a referida evolução, a entendemos de maneira *latu* e a percebemos mais do ponto de vista estrutural do que necessariamente atrelada a uma mudança de comportamento ou mesmo de processos formativos. Entretanto, quando pensamos na instituição, como uma escola pública, condicionada a normativos e a uma lógica de funcionamento que alia o prescrito e o vivido, necessariamente temos que entendê-la como partícipe e fruto de conjunturas político-econômica-sociais que têm na mudança, seu imperativo categórico.

3. As representações da arquitetura escolar e das práticas de civismo

Como já foi anunciado em parágrafos anteriores, o “Severiano Cardoso” desde o ano de 1926, quando recebeu a denominação de grupo escolar, já era um prédio que chamava atenção na cidade de Boquim, por se tratar de um “prédio suntuoso”, o que fez com que fossem impressas marcas na memória das pessoas, isso porque uma instituição educativa,

[...] implica na vida dos moradores da cidade, mesmo que estes não tenham estudado, trabalhado ou enviado seus filhos e netos para aquele estabelecimento de ensino. À cidade como um todo pertence a escola e, portanto, a preservação da memória de instituições escolares está afeta ao ambiente no qual a escola se insere, às ruas e demais prédios, à vizinhança, bairro. (WERLE, 2007, p. 160)

Esse também é o caso da IESC, cuja arquitetura do prédio, apresenta significado para a identidade institucional uma vez que ela é emblemática para moradores da cidade, sobretudo os dos seus arredores. Sobre a estrutura física da IESC ex-aluna e professora da IESC Maria Lourdes de Araujo (2013), que estudou no GESC no ano de 1932, rememorou que a sua primeira escola “[...] era um colégio grande, uma escola estadual, era grupo escolar, já era pelo Estado, sei que era bem cuidado, tinha salas, assentos [...] Janelas, carteiras. Cada salão! Eram quatro salões”. Risoneuma Soares Feitosa (2012), que estudou no ano de 1945 no GESC, revelou que “[...] quando eu descia aquele degrau meu Deus! Ninguém segurava essas pernas não, viu?”. Ana Maria Fonseca Medina (2016) que também foi aluna do GESC revelou que nos anos de (1944-1945) o prédio do GESC apresentava uma águia em sua fachada: “[...] eu achava tão interessante aquela águia, só depois de grande eu fui saber o que aquela águia



significava”³. Revela ainda sobre a sua primeira professora no GESC, de uma foto tirada e embora não a tenha encontrado, lembrou: “[...] ali naquela entrada que tem aquela escadaria, escadaria na frente mesmo... a professora organizava os alunos para tirar foto ali”.

Como pode ser deduzido, as representações da arquitetura do prédio escolar são representadas pelas entrevistadas e remetem ao lúdico, ao belo, ao suntuoso e às possibilidades de diversão e encantamento com o que se apresentava em termos de espaço escolar. Tal elemento se propaga nas outras fases da instituição e o legitima enquanto fator indentitário.

Eliene Menezes Nascimento (2016), que estudou na EPGSC e na EPSGSG (1989-1994), expressou que no ano 1989, quando começou a estudar “[...] o prédio era grande, tinha muitas salas. [...] o Severiano Cardoso era muito bonito”. Já no período de 2006 – 2009, quando ele já estava intitulado Colégio, o prédio do “Severiano Cardoso” continuava sendo “diferente” de todos os outros da cidade, inclusive da Escola de 1º Grau Deputado Lourival Baptista, onde uma das autoras estudou o ensino fundamental.

As janelas grandes (que davam acesso à rua), as escadas que eram utilizadas para as rodas de conversas com os colegas, as salas da parte alta que eram sempre disputadas pelos alunos, hoje fazem parte das minhas memórias do CESC. Quando lá estudei ouvia sempre dos alunos: “você estuda na periferia” (a periferia correspondia às salas que ficavam na parte baixa). A rixa dos alocados nas respectivas salas de aula ocorria porque os que frequentavam a parte de cima tinham acesso à visão da rua, enquanto que os de baixo não tinham o mesmo privilégio. Quanto à decisão de quais as turmas que iriam estudar na parte superior, a divisão era feita pela coordenação e ocorria geralmente pela quantidade de alunos na turma, pois as salas eram maiores. Então as turmas com maior número de alunos ficavam na parte de cima. (SANTOS, 2016)

Hoje ao enveredar pela história da educação e dos grupos escolares entendemos o porquê das quatro salas altas, pois essas foram as que fizeram parte da fase do grupo escolar, e, deste modo, os prédios eram construídos atentando para os princípios da república e da pedagogia moderna, os quais deveriam ser “[...] elevados sobre os porões, que os tornavam distantes da realidade vivenciada pelo público que deveria atender” (SANTOS, 2013, p. 104). Ao levar em consideração o que os ex-alunos e professores revelaram sobre o prédio é possível perceber que, por mais que se trate da mesma instituição, os entrevistados em suas narrativas apresentam o que Werle (2004, p. 15) considera como “personificação do ausente, como um esforço de construção de uma imagem da escola, como memória. [...] organização do espaço e seus usos, percorrendo e articulando elementos da sua base material e base de gestão”.

Diante disso, a arquitetura escolar é substantiva na construção de uma cultura escolar, bem como das práticas escolares. Para Azevedo, que estudou a implantação dos grupos escolares em Sergipe,

3 Essa ave se tornou o maior símbolo das construções realizadas na gestão de Graccho Cardoso. Ideia segundo Santos (2013), era representar a sua visão profícua e perspicaz.



“[...] o planejamento arquitetônico mostrava-se atento a um diálogo com princípios educativos voltados para o ordenamento e racionalização de práticas. Podemos dizer que a arquitetura planejada exercia uma função curricular silenciosa condicionando mentes e comportamentos e especializando ordem, disciplina e ações”. (AZEVEDO, 2010, p. 125)

Para tanto, a cultura escolar **é entendida de acordo com Dominique Julia** (2004) “[...] como um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar”. Ainda sobre a cultura escolar, Silva (2006) afirma que:

Os indivíduos e suas práticas são basilares para o entendimento da cultura escolar, particularmente no que se refere à formação desses indivíduos, à sua seleção e ao desenvolvimento de sua carreira acadêmica. Dessa forma, os discursos, as formas de comunicação e as linguagens presentes no cotidiano escolar, constituem um aspecto fundamental de sua cultura (SILVA, 2006, p. 204).

Neste sentido, a cultura de uma instituição educativa materializa-se a partir das práticas escolares que são compreendidas aqui, como já anunciadas, “[...] produtoras de sujeitos e de seus respectivos lugares no interior do campo pedagógico” (FARIA FILHO; VIDAL, 2004 p. 152). Isto porque a incorporação de hábitos e comportamentos desenvolvidos no interior de uma instituição é fruto de suas práticas escolares.

Com relação às práticas escolares da IESC, embasando-se no Termo de Visita de 21 de abril 1928, do inspetor escolar Dr. José Maria de Carvalho Mello em visita ao Grupo Escolar Severiano Cardoso, revelou aspectos sobre a comemoração do Dia de Tiradentes:

[...] o Grupo Severiano Cardoso (Boquim) também se comemorava o dia dedicado a Tiradentes. A sessão cívica, em 1928, presidida pelo inspetor escolar, dr. José Maria de Carvalho Mello, foi organizada em dois ambientes. Primeiramente fora do prédio escolar, onde se registrou a presença de todo o corpo docente. Houve hasteamento da bandeira, canto de hinos e recitativo de poesias por parte das alunas, em um ambiente em que, segundo o inspetor, “os distintos alunos, com revelada disciplina, deram aos assistentes a impressão de uma solenidade na qual se traduzia o sentimento pátrio, que entre os mesmos alunos já se vai formando”. Em seguida, a cerimônia seguiu seu curso dentro do edifício do Grupo que se apresentava em aspecto festivo, acompanhado de grande número de senhoras e senhoritas da elite Boquinhense e das principais autoridades do lugar, destacando-se a presença do chefe político local, intendente, exator, escrivão da Exatoria, tabelião público, negociantes e mais pessoas ilustres. O presidente da sessão cívica, inspetor escolar José Maria Melo, encerrou seu relato sobre a solenidade elogiando a direção do estabelecimento e outras autoridades do Estado com palavras e frases emotivas, numa clara evidência de uma manifestação cultural da época (AZEVEDO, 2010, p. 106).

Lídia Fontes Oliveira (2016), que estudou no GESC entre os anos (1934-1939), acrescentou que “[...] o grupo era muito bonito... o desfile de 7 de setembro. Os alunos marchavam nas ruas da cidade, era tudo lindo!”. O ex-aluno do GESC (1939-1940) Murilo Mellins (2016) também rememorou sobre essas práticas na fase do grupo escolar no ano de 1938: “[...] fazia uma formatura [fila] e os alunos cantavam ... e ali tinha o canto do



hino nacional, o hino da bandeira, o hino da independência. Porque nos cadernos de antigamente, nos versos do caderno tinha ... vinha o hino do Brasil, o nacional e o da bandeira”. Sobre as noções de ensino patriotismo, Ana Maria Fonseca Medina (2016), aluna do GESC (1989-1994), também lembrou: “Eu me lembro muito do espírito de civismo que eles imprimiam na gente né? A disciplina, a ordem. Todo dia no pátio tinha que todo mundo está perfilado, chegar na hora certa para cantar o hino nacional, o hino da bandeira”. Ainda sobre tais práticas Antônio Barros Vasconcelos (2012), que foi aluno e professor do GESC entre os anos (1956 -1983), rememorou que no ano de 1965 início do regime militar no Brasil:

[...] não começava a aula sem estarem todas as quatro filas formadas para cantar o hino nacional. Outro dia era: Brasil teu povo é forte, como é grande a tua terra Brasil; em tua grande mata verde canta pássaros em gorjeios mil; queremos com alegria com trabalho e com saber saudar, senhor nossa linda terra nos verdes mares; queremos com saber cantar; as nossas praias brancas que as ondas vem beijar, lembram os homens fortes que vivem a pescar (Antônio Barros Vasconcelos, 2012).

Sobre os atos de civismo no GESC, Risoneuma Feitosa também se expressou de forma enfática no período de (1955-1959)

[...] cantava, formava antes da gente entrar pra sala, e quando era pra gente sair, onze e meia tocava o sino, a gente se reunia no pátio, todas séries, cantava o Hino Nacional e ia pra casa, isso aí já era um...Uma obrigação da... Da diretora né? Porque a diretora se fazia presente. [...] Cantava, cantava Hino da Bandeira, dia do Soldado na sala de aula também (Risoneuma Soares Feitosa, 2012).

Sobre a sessão cívica da IESC a ex-aluna do período do grupo e professora nos períodos da EPGSC e da EPSGSC nos anos de 1958-1994, Amariles Gomes Lima, revelou (2013): “[...] desfilávamos na praça com as outras escolas, tinha as escolas municipais e cada qual representava a sua escola”. Sobre as comemorações cívicas da instituição quando essa funcionou na condição de Escola de 1º grau Genilde Vieira Rodrigues, assim pontuou:

[...] comemorava o sete de setembro, era impecável na rua todo mundo marchando. Tinha um mês de ensaio, um mês inteiro de ensaio, por que não podia errar a esquina, errar a rua, não podia errar. Era todo mundo ali enfileirado e desfile era impecável. Não tenha dúvida. Quem era que não ia pra rua pra vê Severiano Cardoso e Santa Teresinha desfilarem? [Escola particular da Congregação Católica] E não tinha desfile alegórico não, era de farda, todo mundo de farda. O pelotão das bandeiras era que esse que ia. (Genilde Vieira Rodrigues Santos, 2016).

A diretora da EPGSC nos anos de 1979 -1993, Arlinda Menezes (2016), revelou que na época em que fui “[...]diretora era desfile, hoje mudou muito, que hoje o pessoal se preocupa muito com brilho e antes era farda né? E alguns alunos representando os vultos da história da independência. Eles saíam representando Dom Pedro montado no cavalo... eram coisas assim.” Sobre isso a ex-aluna da Escola de 1º Grau e depois da



Escola de 1º e 2º Graus e atual professora do Colégio Estadual Severiano Cardoso, Eliene Menezes do Nascimento, revelou que:

[...] quando eu estudei tinha desfiles sim. Era uma festa muito bonita, todos os alunos participavam. Os alunos desfilam, tocam na banda, é muito bonita essa tradição. Antigamente desfilávamos de farda e hoje existem vários tipos de fantasias. Hoje os alunos querem ponto para desfilar, antigamente não era assim. (Eliene Menezes do Nascimento, 2016).

Conforme o exposto pelos entrevistados, percebemos que os mesmos apresentaram aspectos e representações diferentes no que diz respeito aos atos de civismos que eram desenvolvidos na instituição. Nesse sentido devemos levar em consideração o tempo em que a instituição se encontrou/encontra, e como o contexto pode contribuiu para a configuração de uma nova cultura escolar, que por sua vez acompanha as legislações que a regulamentam.

Ainda sobre o civismo na instituição, a posição de Eliene Menezes do Nascimento foi ratificada e mesmo alargada por uma das autoras deste artigo. A ex-aluna do CESC, afirmou que:

Quando estudei no CESC os desfiles também ocorriam. Recordo que participei do desfile no ano de 2008, e a minha roupa do desfile foi o meu jaleco do estágio do magistério. Eu desfilei acompanhando os meus alunos, pois a supervisora de estágio dizia que levar os seus alunos para desfilar era obrigação dos estagiários, pois se assim não fosse perdíamos ponto na disciplina de docência. Mas era muito bonito o desfile, mesmo ouvindo que o Colégio não tinha recursos para custear os gastos, o desfile “do Severiano” era sempre bem organizado. (SANTOS, 2016).

A aluna Milena Silva Macedo (2017) completa a ideia de como o civismo foi sendo delineado na história da instituição quando afirma: “[...] é tradição da escola participar anualmente do Desfile Cívico. O desfile contava com diversas apresentações, entre elas a apresentação da Banda do Severiano Cardoso e a escolha de um tema para ser apresentado com cartazes e camisas, como o tema do ano de 2015: ‘Estão tirando a riqueza da nossa terra’, que é a floresta”.

Como pode ser deduzido, embora houvesse uma mudança de estímulo, o desfile continuou como um dos elementos que compõem a identidade institucional. Na visão de Souza (1999), as comemorações cívicas são consideradas atividades escolares, uma vez que o tempo escolar está inserido no tempo social, pois “[...] as festas escolares, diferentemente das festas do calendário social, não contrapõem o tempo livre ao tempo do trabalho, pois elas constituem tempo de atividade educativa, um tempo a aprender (SOUZA, 1999, p. 134).

Bencostta, por sua vez, considera os desfiles escolares como uma:

[...] construção social que manifesta, em seu espaço, significações e representações que favorecem a composição de uma certa cultura cívica inerente aos seus atores, o que facilita entender a identidade que é dada pela compreensão que esse grupo possui acerca do símbolo que justificou a realização do desfile e que registrou de um modo duradouro na memória social um sentimento que se propunha ser cole-

tivo pela união dos anseios dos seus atores, delimitada em um tempo e um espaço histórico (BENCOSTTA, 2005, p. 301).

As representações e apropriações pelos personagens dão dar a ver o espaço e o tempo histórico que, embora com algumas distinções, compõem a instituição e permitem entendê-la, sobretudo quando se soma as mudanças ocorridas na legislação educacional e as exigências no que diz respeito às comemorações.

Para além dos atos de civismo como componente educacional, eram frequentes no cotidiano escolar outras práticas escolares que foram rememoradas pelos entrevistados, como, por exemplo, a utilização de dispositivos de controle dos alunos. Lídia Fontes Oliveira foi aluna do grupo nos anos de 1934 -1939 e lembrou que “[...] minha professora usava uma pedra para controlar a saída dos alunos sim e todo mundo respeitava. Se a pedra não tivesse ninguém saía porque sabia que tinha outra pessoa fora”. Murilo Mellins, aluno do GESC no final da década de 1930, rememorou que “[...] tinha uma pedra, se você queria ir ao banheiro tinha uma pedra, a pedra ficava na carteira da professora. Você tirava aquela pedra e ia no banheiro”. Ana Maria Fonseca Medina, que também foi aluna do grupo, rememorou que: “[...] é, tinha a história de uma pedrinha redonda, roliça que era pra ir no banheiro”. Sobre isso, Antônio Barros Vasconcelos, aluno do GESC nos anos de 1956 e 1957, também ratificou que “[...] a pedra, tinha uma pedra assim... quando você ia tinha que levar uma pedra. Aí ao retornar... ninguém poderia ir sem a pedra”.

Outro aspecto marcante da trajetória histórica e educacional da IESC são as poesias que os alunos declamavam em dias de comemorações civis. A ex-aluna do GESC entre 1930 e 1936, Maria Lourdes de Araújo Santos, rememorou que “[...] na escola a gente aprendia muito a declamar poesia”. No momento da entrevista recitou o trecho do poema *“Ele e ela”*: “[...] Ele tão belo como as árvores, ela assemelha à noite de luar, nele os encantos só despertam risos, nela a beleza quase a soluçar” (Maria Lourdes de Araújo Santos, 2013). A prática de declamar poesia também foi rememorada pela aluna Lídia Fontes de Oliveira que lá estudou entre 1934 e 1939: “[...] coisa que eu me lembro de lá do grupo Severiano Cardoso era declamar poesia, às vezes a gente ia até para a praça, tinha um coreto e a gente recitava ali”. Murilo Mellins também lembrou das poesias recitadas no Severino Cardoso: “[...] as crianças recitavam, declamavam poesia dos principais poetas brasileiros e com mais destaque para Hermes Fontes que era de Boquim”. Sobre isso Ana Maria Fonseca Medina revelou que: “[...] elas ensinavam muito declamar poesia. Ela mandava decorar as poesias. Sete de setembro, Dia da Bandeira, Descobrimento do Brasil, declamava e era muito bonito”.

A aluna e professora da IESC Eliene Menezes do Nascimento (2016) revelou que “[...] as poesias eu lembro que declamava na época em que vim estudar [...] ainda era Escola de 1º Grau. Hoje já não existe mais como antigamente, eu particularmente trabalho com meus alunos do Severiano as poesias do livro de Literatura. Nas aulas eu peço para os alunos fazerem a leitura, às vezes coletiva, e depois discutimos o texto”. Na condição de aluna do CESC e aluna da professora Eliene Menezes do Nascimento durante dois anos, a ex-aluna Santos (2016) testemunhou: “Eu lembro que ela pedia para fazer as leituras das poesias, às vezes ela passava trabalhos e quando tinha algo relacionado à poesia o



meu grupo declamava, principalmente José Reis, meu colega de sala”. Sobre o ato de recitar poesia atualmente no CESC a aluna Milena Macedo assim revelou:

[...] Sim, trabalha. Lembro-me de uma poesia de Casemiro de Abreu que tem por título “Deus”: Eu me lembro! Eu me lembro! — Era pequeno/ E brincava na praia; o mar bramia/ E, erguendo o dorso altivo, sacudia/ A branca espuma para o céu sereno. / E eu disse a minha mãe nesse momento:/ “Que dura orquestra! Que furor insano! / Que pode haver maior do que o oceano, / Ou que seja mais forte do que o vento?!”/ — Minha mãe a sorrir olhou prós céus/ E respondeu: — “Um Ser que nós não vemos/ É maior do que o mar que nós tememos,/ Mais forte que o tufão! meu filho, é Deus!” (Millena Silva Macedo, 2017).

Para além das poesias, os entrevistados rememoraram sobre as cantigas que aprenderam na escola e que hoje compõem as boas lembranças da instituição. Lídia Fontes Oliveira aluna do GESC revelou que “[...] na escola a gente cantava, era muito bom. Tinha uma cantiga que dizia assim: recebamos com muita alegria, tão honrosa tão grata visita, ele veio nos trazer incentivo animar nossa luta bendita”. Antônio Barros Vasconcelos lembra da cantiga para a despedida do final do ano letivo:

[...] Por entre risos surgiu as férias, para descansar o nosso labor. Tenho saudades dos livros meus, lembro das férias com muito amor. Com muito amor e com muita saudade, nos despedimos discípulos teus, e tu mestra querida, adeus, adeus!!! (Antônio Barros Vasconcelos, 2012).

Genilde Vieira Rodrigues Santos lembrou-se das cantigas do “Severiano Cardoso como algo para disciplinar os alunos: “[...] ‘quem vai chegando vai ficando atrás, gente educada vai assim que faz...’ As musiquinhas eram lindas. Essas músicas eram cantadas no período do grupo quando estudei e no período da Escola de 1º grau quando eu ensinava lá” (Genilde Vieira Rodrigues Santos, 2016). Na época que fui aluna do CESC não lembro de nenhuma música, entretanto, quando eu dava aula para os meninos de 1º ano, em 2008, eles já eram acostumados a cantar e eu, embalada por seus costumes, também entoava a canção: “Bom dia, bom dia, bom dia! Como é belo o dia. Eu quero te abraçar, apertar sua mão e contigo dançar...” (Santos, 2016).

A parte lúdica, ocorrida sobretudo na hora do recreio, também faz parte da trajetória histórica e educacional da IESC e foi/é rememorada pelos personagens em cada uma das fases, com exceção das ERSC fase onde não foram encontrados alunos ou professores que pudessem, sobre ela, narrar. Os termos de visita de Inspeção Escolar também não trazem informação sobre esse momento. Sobre o recreio no GESC, Maria Lourdes Araújo rememorou que “[...] tinha e nós brincávamos muito porque naquele tempo tinha um espaço grande e todo mundo brincava”. A também aluna do GESC Lídia Oliveira acrescentou que “[...] tinha o recreio. Brincava de bola, brincava de roda”. Sobre a mesma fase Murilo Mellins assim expressou: “[...] no recreio... Fazia... merendava, brincava, as meninas brincavam de pinto-galo, já ouviu falar de pinto-galo? [jogo com 5 pedras]. Aquelas brincadeiras de roda, aquelas cantigas de roda e... os meninos levavam os peões, as bolinhas de gude”. Na fase de Escola de 1º Grau, as brincadeiras pareciam ter se perpetuado, pois no recreio, como rememorou a diretora da Escola, Arlinda Menezes:

[...] tinha a hora do recreio sim todos os dias para todos os turnos... aí no recreio os alunos brincavam, merendavam... as meninas brincavam de roda lá no pátio, os meninos de bola de gude e outras coisas que eles inventavam... era aquele barulho. Muito menino junto na mesma hora né? Agora os alunos que eram maiores já não brincavam tanto porque já era [sic.] moças rapazes e aí ia mudando (Arlinda Almeida Menezes, 2016).

Eliene Menezes Nascimento, na condição de aluna da EPSGSC (1989-1994), assim se expressou:

[...] Ah! no tempo que eu estudava tinha recreio sim e no recreio nós lanchávamos, conversávamos... Na verdade era a hora do descanso, mas passava muito rápido já era diferente de lá da Escola da Meia Légua. Hoje lá no Severiano o recreio é curtinho, na verdade é só um intervalo para os alunos tomarem uma água e fazerem um lanche rápido (Eliene Menezes Nascimento, 2016).

De acordo com umas das autoras, entre os anos de 2006 e 2009, quando estudou o magistério no CESC, o que acontecia era um intervalo de 20 minutos, das 15h30min às 15h50min. no turno da tarde, nesse horário não havia nenhum tipo de brincadeiras, “[...] acredito porque já eram todas moças e rapazes, então não se dedicavam mais às brincadeiras na escola. No entanto, pela manhã, quando eu dava aula na condição de estagiário o recreio era o momento mais aguardado pelos alunos, pois era o momento do lanche, e também das brincadeiras, por exemplo: pega-pega, de roda, etc.”. Deste modo, as mudanças ocorridas na trajetória histórica e educacional da IESC ocorreram, ora devido ao tipo de público (crianças e adolescentes), ora porque com a expansão da escola o espaço destinado às brincadeiras fora reduzida. Isso porque no decorrer do tempo “[...] relações com os espaços vão sendo reinventadas não apenas no plano da transgressão individual ou de grupo, mas pela própria instituição, pelos novos projetos institucionais em decorrência das novas exigências de espaços e de reorganização administrativa” (WERLE, BRITTO, COLAU, 2007, p. 155).

4. As memórias da instituição e suas fases

Ao rememorem sobre seus estudos na IESC os entrevistados foram indagados sobre a sua representação, e tais representações recaem no campo da cultura escolar, dando a ver a instituição pelo olhar do presente sobre o passado. Murilo Mellins, estudante do Grupo Escolar Severiano Cardoso (1939-1940), assim se expressou:

[...] foi uma escola que eu continuei minha alfabetização, uma escola muito organizada. Eu me lembro do porte físico da professora Fausta ela tinha um cabelo puxado com um cocó que usava na época. Agora era uma mulher muito agradável, agora, também, muito exigente. Era uma grande professora, foi uma professora que já mais esquecerei. E eu me lembro das brincadeiras dos alunos, da vida em Boquim que a distração era ir para a estrada de ferro para ver o trem passar. Então era os passeios... eu ganhei uma bicicleta e foi um sucesso lá em Boquim eu como menino, as amigas de minha irmã todas queriam andar na bicicleta e eu alugava a bicicleta... Todo menino, toda menina tinha que passar pelo Severiano Cardoso,



porque tinham poucas escolas particulares mais o mais conceituado estabelecimento assim era o Grupo Escolar Severiano Cardoso, então toda meninada estudava lá (Murilo Mellins, 2016).

Lindomar Firmo Macedo, aluna do GESC (1943- 1947), assim o representou:

Foi umas das escolas melhores que já teve foi ela. Porque foi esse povo todo aqui da cidade da minha idade e mais velhos do que eu, estudou nessa escola. Porque não tinha outra escola, só tinha ela. Depois foi que surgiu o Santa Terezinha [escola particular confessional] mais já tinha outras escolas municipais. Mas estadual mesmo, só tinha o Severiano. Foi onde eu aprendi muitas coisas, tinha muitas colegas, muitas amigas (Lindomar Firmo Macedo, 2016).

Em tom similar, Maria Antônia Dias Andrade, quando indagada sobre a representação da professora da Escola de 1º Grau Severiano Cardoso, assim relembrou:

O ‘Severiano Cardoso’ representa uma escola muito importante para Boquim sabe? Foi a primeira escola pública como grupo que... tinha as escolinhas assim na comunidade, as escolas rural. Eu mesma ensinei na escola rural, mas o Severiano cabia muita gente, atraía muita gente né? Isso é um ponto importante para Boquim, muito importante para Boquim. Tanto que até o 2º Grau tem né? Agora eu não sei os cursos que tem mais ainda tem o 2º Grau lá. Muita gente se serviu dele. Hoje é que a fama do Severiano Cardoso baixou um pouco por causa do nível dos estudantes dele. Só tinha o Severiano Cardoso e depois foi que o padre Gumersindo criou Santa Teresinha. (Maria Antônia Dias Andrade, 2016).

Genilde Vieira Rodrigues Santos, que fez parte de quatro fases da IESC, assim o concebeu:

‘Severiano’ é coisa que fica entranhado no sangue, na carne. Eu não torço nunca que o Severiano não dê certo. [...] Todas as fases que passei no Severiano Cardoso foi de muito amor e de muito compromisso. Eu tenho alunos doutores hoje que foram alunos do Severiano Cardoso. [...] e assim o que representou pra mim o Severiano Cardoso é uma casa, uma casa, uma família prolongamento da minha casa. Pra Boquim Severiano Cardoso é a vida como escola pública. Porque durante esses 30 anos eu posso dizer que o Severiano Cardoso foi qualidade. Severiano Cardoso para essa cidade representa qualidade de ensino, representa qualidade. E quanto qualidade a gente pode observar que quando o aluno saía da escola particular os pais só matriculavam no Severiano Cardoso. Então o Severiano Cardoso para o aluno que quis ele representa qualidade. Qualidade de ensino (Genilde Vieira Rodrigues Santos, 2016).

Eliene Menezes do Nascimento, que foi aluna do “Severiano Cardoso” nas fases de EPGSC e EPSGSC, e hoje professora do CESC, foi taxativa no seu reconhecimento:

Eu vejo o Severiano como uma mãe que foi para mim que me acolheu. Enquanto mãe o Severiano não tinha a maturidade, a experiência e a formação para acolher pessoas, não quero acolher preconceitos. Mais assim que me acolheu e que ajudou a chegar até aqui e que ajuda até hoje. Eu tenho história de alunos que passam por lá, colegas meus que são professores, advogados que estão contribuindo aí para a

sociedade e que foi essa mãe Severiano Cardoso que contribuiu fortemente para a formação dessas pessoas, desses indivíduos. (Eliene Menezes do Nascimento, 2016).

Arlinda Almeida Menezes, professora e diretora entre as décadas de 1970 e 1990, remetendo ao histórico da instituição assim a localizou:

[...] é um marco na história da educação do município de Boquim né? É o berço da estrutura, do conhecimento cultural dos Boquinhense, porque justamente foi a primeira escola pública e que, realmente é isso. O Severiano Cardoso é de grande importância pra Boquim sempre foi e será [...] (Arlinda Almeida Menezes, 2016).

Rayane Santos Ribeiro (2017), aluna 2º ano do Ensino Médio do CESC, revelou que “[...] o Severiano representa muito porque através dele eu desenvolvi meu conhecimento”. A aluna Milena Silva Macedo, que estuda 3º ano do Ensino Médio na instituição, expressou que

[...] Para mim o Severiano Cardoso teve um papel fundamental no meu desenvolvimento educacional e intelectual. Apesar de já está concluindo meus estudos na instituição, não levarei apenas os conhecimentos que ali adquiri, mas também os aprendizados para a vida. O Severiano Cardoso contribui há muito tempo com a educação e a formação do cidadão ciente dos seus deveres e direitos, sendo o primeiro colégio construído na cidade de Boquim. (Milena Silva Macedo, 2017).

Assim, ao enveredar pelas narrativas de pessoas que falaram da IESC sobre tempos distintos, o que ela representou para as suas respectivas vidas e para cidade e, por extensão, para a região, é que foi possível, de fato, entender a sua identidade histórica. Ao ouvir as memórias e representações de (ex) alunos, professores e diretores é que, assim como Duby, percebemos que não fomos em busca do “fato verdadeiro”, o que fizemos foi “[...] apreender seu reflexo no espírito daqueles que os escreveram outrora, fizemos do testemunho o principal objeto de nossa investigação, o que determina ao mesmo tempo um frutífero deslocamento dos ângulos de abordagem e a necessidade de adaptar nossos métodos de análise e crítica” (DUBY, 1993, p. 157). Foi o que aqui procuramos fazer.

5. Considerações Finais

Escolas Reunidas, Grupo Escolar, Escola de 1º grau, Escola de 1º e 2º graus, Colégio Estadual. Eis a Instituição Educativa Severiano Cardoso. Esteve e está, assim como outras escolas, dentro de uma proposta educativa nacional cujas fases representam modelos e práticas pedagógicas. Tais fases mais do que mudança de nomenclatura e graus de ensino, representam estruturas pensadas e criadas a fim de que a criança brasileira fosse educada e formada. Nessa perspectiva A IESC serve de exemplo para se compreender as macro mudanças da educação, embora também contemple características próprias e que lhes dão identidade.

Por meio das fontes escritas e orais foi possível perceber que, ao longo de sua história, a IESC se distinguiu dos demais estabelecimentos da cidade ora porque foi a primeira



da cidade, ora por contar com um “prédio suntuoso”, ora por ser a primeira a ofertar o ensino de 1º grau e, ora porque passou a oferecer o 2º grau a partir do curso magistério (formação de professores). Tais pioneirismos não só a qualificaram, mas a legitimaram como instituição educativa, sobretudo porque permitem que se perceba o seu sentido histórico “[...] numa tecitura problematizante, considerada a relação instituição/ público (s) como eixo epistêmico, como bem sugere Magalhães (2004, p.72).

Por certo, outras representações poderiam/podem ser ouvidas, ecoadas, analisadas, interpretadas e por isso indagamos: Elas fariam com que a história fosse outra? Elas revelariam outra identidade? Elas incidiriam outro tipo de instituição que não demos aqui a ver? As respostas recaem na premissa de que as representações têm relação direta com as apropriações e estas, por sua vez, são resultados da ação dos sujeitos, e em assim sendo a instituição é também contexto e a sua história por ser aberta, deve contemplar a dialética entre instituição e educação e não sem razão esta ancora-se na relação entre sujeitos. E assim a historiografia ganha suas páginas.

Referências Bibliográficas

AZEVEDO, Crislane Barbosa. **Arquitetura e grupos escolares em Sergipe**: uma relação entre espaço e educação na escola primária. Dossiê História e Educação, v. 7, n 10, dez. de 2010 - Disponível em: <[http:// docplayer.com.br/15054314-Arquitetura-e-grupos-escolares-em-sergipe-uma-relacao-entre-espaco-e-educacao-na-escola-primaria-1.html](http://docplayer.com.br/15054314-Arquitetura-e-grupos-escolares-em-sergipe-uma-relacao-entre-espaco-e-educacao-na-escola-primaria-1.html)>. Acesso em:29 abr. 2016.

BERTAUX, D. **L'approche biographique**: sa validité méthodologique, ses potentialités. Cahiers Internationaux de Sociologie. LXIX. Paris: PUF, 1980.

BENCOSTTA, Marcus Levy Albino. Grupos Escolares no Brasil: um novo modelo de escola primária. In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Câmara (Org.). **Histórias e memórias da educação no Brasil**: Vol. III- século XX. – Petrópolis, Rj: Vozes, 2005. Cap.5, p. 68-76.

BENCOSTTA, Marcus Levy. Desfiles patrióticos: memória e cultura cívica dos grupos escolares de Curitiba (1903- 1971). In: VIDAL, Diana (Org.). **Grupos escolares**: cultura escolar primária e escolarização da infância no Brasil (1893-1971). Campinas: Mercado de Letras, 2005, p. 301.

CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro, ed. Bertrand Brasil, 1990.

DUBY, Georges. **A história continua**. Tradução Clóvis Marques. Jorge Zahar Ed.: Ed. UFRJ, Rio de Janeiro, 1993.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão et al. – Campinas/SP, Editora da Unicamp, 1990. (Coleção Repertórios).

LE GOFF, Jacques. **Enciclopédia Einaudi**, v. 1, Memória – História. Edição portuguesa. Porto, PT. Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1996.

MAGALHÃES, J. P. **Tecendo nexos**: história das instituições educativas. Bragança Paulista/SP. Editora Universitária São Francisco, 2004.

MAGALHÃES, J. P. “A história das instituições educacionais em perspectiva”. IN: GATTI JÚNIOR, D.; INÁCIO FILHO, G. (Org.). **História da educação em perspectiva**: ensino, pesquisa, produção e novas investigações. Campinas, Autores Associados; Uberlândia, EDUFU, 2005.

MAGALHÃES, J. P. Breve apontamento para a história das instituições educativas. In: SANFELICE, J. L.; SAVIANI, D.; LOMBARDI, J. C. **História da Educação**: perspectiva para um intercâmbio internacional. Campinas: Autores Associados; HISTEDBR, 1999, p. 67-72.

MAGALHÃES, J. P. Um apontamento metodológico sobre a história das instituições educativas. In: SOUSA, C. P. de; CATANI, D. B. **Práticas educativas, culturas escolares, profissão docente**. São Paulo: Escrituras, 1998. p. 51-69

NASCIMENTO, Micheline Roberta Simões. **Jardim de infância Joana Ramos**: educação infantil na cidade de Tobias Barreto (1969 – 1985). Disponível em: <<http://ppg.unit.br/pped/pesquisa/dissertacoes/>>. Acesso em: 23 ago. 2016.

SAMUEL, Raphael. Documentação, história local e história oral. Tradução de Zena Winona Eisenberg. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 9, n.19, p.219-243, set. 1989/fev.1990.

SANTOS, L.D. **Por uma história vista de baixo**: As Escolas Primárias dos territórios Centro e Sul do Estado de Sergipe (1930-1960) Disponível em: <<http://ppg.unit.br/pped/pesquisa/dissertacoes/>>. Acesso em: 27 ago. 2016.

SANTOS, Magno F. de J. O quartel infantil: representações dos grupos escolares sergipanos. **Scientia Plena**, v. 7, n. 7.201. Disponível em: <www.scientiaplenu.org.br>. Acesso em: 18 out. 2015.

SANTOS, Magno Francisco de Jesus. **Ecos da Modernidade**: arquitetura dos Grupos Escolares Sergipanos (1911-1926). – São Cristóvão: Editora UFS, 2013.

SOUZA, Rosa Fátima de. **Templos de civilização**: a implantação da escola primária graduada no estado de São Paulo (1890-1910). – São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1999.

SOUZA, Maria Cecília Cortez Christiano de. **A escola e a memória**. Editora Universitária São Francisco. Bragança Paulista, 2004.

VANGELISTA, Chiara. Diacronias e sincronias no ofício do historiador. In: CARDOSO, Heloisa Helena Pacheco; PATRIOTA, Rosângela (Org.) **Escritas e narrativas históricas na contemporaneidade**. Belo Horizonte, 2011. Fino Traço Editora, pp. 15-22.

WERLE, Flávia Obino Corrêa; BRITTO, Lenir Marina Trindade de Sá; COLAU, Cinthia Merlo. Espaço escolar e história das instituições escolares. **Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 7, n. 22, p. 147-163, set./dez. 2007.

WERLE, Flavia Obino Correia. História das instituições escolares: responsabilidade do gestor escolar. **Cadernos de História da Educação** - n. 3 - jan./dez. 2004.

FONTES ORAIS

ANDRADE, Maria Antônia Dias. **Relato oral sobre sua história de vida**. Entrevista concedida a Luzianne dos Santos, em 07 de Julho de 2016, Boquim/SE.

ARAÚJO, Maria Lourdes de. **Relato oral sobre sua história de vida**. Entrevista concedida a Luzianne dos Santos, em 28 de Junho de 2013, Boquim/SE.

FEITOSA, Risoneuma Soares. **Entrevista** concedida a Joaquim Francisco Soares Guimarães e Rony Rei do Nascimento Silva, em 27 de outubro de 2012, Umbaúba/SE.

LIMA, Amariles Gomes. **Relato oral sobre sua história de vida**. Entrevista concedida a Luzianne dos Santos, Laísa Dias Santos e Rony Rei do Nascimento Silva, em 29 de junho de 2013, Boquim/SE.

MACEDO, Lindomar Firmo da Silva. **Relato oral sobre sua história de vida**. Entrevista concedida a Luzianne dos Santos, em 07 de julho de 2016, Boquim/SE.

MACEDO, Milena Silva. **Relato oral sobre sua história de vida**. Entrevista concedida a Luzianne dos Santos, em 03 de janeiro de 2017, Boquim/SE.

MEDINA, Ana Maria Fonseca. **Relato oral sobre sua história de vida**. Entrevista concedida a Luzianne dos Santos, em 11 de maio de 2016, Aracaju/SE.



MELLINS, Murilo. **Relato oral sobre sua história de vida.** Entrevista concedida a Luzianne dos Santos, em 05 de agosto de 2016, Aracaju/SE.

MENEZES, Arlinda Almeida. **Relato oral sobre sua história de vida.** Entrevista concedida a Luzianne dos Santos, em 27 de Julho de 2016, Boquim/SE.

NASCIMENTO, Eliene Menezes. **Relato oral sobre sua história de vida.** Entrevista concedida a Luzianne dos Santos, em 08 de julho de 2016, Boquim/SE.

OLIVEIRA, Lídia Fontes de. **Relato oral sobre sua história de vida.** Entrevista concedida a Luzianne dos Santos, em 13 de maio de 2016, Aracaju/SE.

RIBEIRO, Rayane Santos. **Relato oral sobre sua história de vida.** Entrevista concedida a Luzianne dos Santos, em 03 de janeiro de 2017, Boquim/SE.

SANTOS, Genilde Vieira Rodrigues. **Relato oral sobre sua história de vida.** Entrevista concedida a Luzianne dos Santos, em 08 de julho de 2016, Boquim/SE.

VASCONCELOS, Antônio Barros. **Relato oral sobre sua história de vida.** Entrevista concedida a Laísa Dias Santos e Rony Rei do Nascimento Silva, em 7 de março de 2012, Boquim/SE.

Sobre os autores

Luzianne dos Santos

Mestra e doutoranda em Educação pelo programa de Pós-Graduação em Educação Universidade Tiradentes. É membro do Grupo de Pesquisa Sociedade, Educação, História e Memória- GPSEHM.

Raylane Andreza Dias Navarro Barreto

Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Tiradentes. Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, com estágio pós-doutoral na Universidade de Lisboa. Líder do Grupo de Pesquisa “Sociedade, Educação, História e Memória”. Participa de redes de pesquisa em torno da História da Educação.